

PARA ALÉM DAS LIVES

entrevista Fernando Feijão Monteiro

Olá Ouvinte, este é o décimo primeiro episódio do “**PARA ALÉM DAS LIVES**”. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje a conversa é com o músico Fernando Monteiro, o Feijão. Baterista, professor e músico atuante em diversos projetos na cidade, como a Orquestra Atípica de Lhamas, o Iconili, o Sem Receita, o bloco Juventude Bronzeada e por aí vai... Feijão conversou comigo sobre como foi a adaptação a pandemia: a passagem das aulas de bateria do presencial para o virtual, a atualização tecnológica, os novos aprendizados necessários para essa transição e sua busca pelo estabelecimento de uma relação saudável com as redes sociais.

PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia

Frederico: Ei Feijão, tudo bem? Bom, antes de mais nada, obrigado pelo seu tempo, pela sua disponibilidade. Eu acho que uma coisa legal é a gente saber um pouco da sua história, para as pessoas conhecerem um pouco do que você anda fazendo. E depois a gente pode passar já, aí colocando uma pergunta mesmo, pro nosso tema. A gente pode começar com alguma coisa que tem a ver com o nosso tema que é esse uso das redes sociais. Se você já fazia isso, você já tinha projetos online... Você dá aulas, né? Se você já dava aula online. Como é que era o seu uso desses sistemas de comunicação que a gente tem online hoje. Acho que é isso. Obrigado.

Fernando: Oi Fred, então a minha trajetória na música começou aos 13 anos de idade fazendo aula de bateria com professores particulares. Eu segui até os 18 mais ou menos fazendo aula. Aos 17, 18 anos, parei por um tempo, porque eu fui estudar biologia na época. Obviamente, não segui na Biologia... E por volta aí do ano de 2008 ou 2009, resolvi ser músico profissional, estudar a sério. Então fiz vestibular. Nessa época foi criado, [estava] recém-criado o curso de música popular na UFMG. Fiz vestibular para ele, passei e em 2010 comecei a estudar formalmente na faculdade. E na faculdade, tive

a oportunidade de conhecer muita gente, tocar com muita gente diferente. Formei um grupo de música instrumental que tá ativo até hoje, que é o Sem Receita.

E de lá para cá, trabalho em vários projetos diferentes. Atualmente, eu tô tocando no Iconili, que é uma banda de música instrumental aqui de Belo Horizonte. No Sem Receita, que eu já falei. Faço parte também da Juventude Bronzeada, e fui um dos criadores do bloco, que tem uma banda também. E faço parte da Orquestra Atípica de Lhamas, que é uma orquestra de Cúmbia, na qual eu toco Timbales, que é um instrumento de percussão cubano, como se fosse uma bateria cubana. Atualmente também trabalho como percussionista do Coral Jovem do SESC, e eventualmente também da Orquestra Jovem. Então esses são os meus projetos atuais. Paralelamente a isso, desde quando eu comecei a estudar formalmente, eu trabalho dando aulas particulares de bateria no meu estúdio. É isso!

Frederico: Uma primeira pergunta que eu tenho, para começar possa conversa, é sobre as redes sociais antes da pandemia: se você já fazia uso, já tinha um trabalho online, já divulgava, como você usava esses recursos que a gente tem de comunicação online e tal.

Fernando: Bom, eu já usava de uma maneira bem, vamos dizer assim, bem orgânica, sabe? Sem nenhum tipo de planejamento, é... Acho que nenhum tipo talvez seja demais, mas não como uma coisa muito rígida assim. Eu sentia que em alguns momentos era legal eu divulgar um pouco mais o meu serviço. E, nesse caso, eu uso um Instagram para divulgar muito as minhas aulas, né? Eu dou aulas particulares. Então, em alguns momentos estratégicos, eu divulgava mais a coisa das aulas, e para além disso alguma coisa de performance que achava legal. Divulgando shows dos meus projetos, alguma coisa que eu tô praticando... Mas eu usava mais de uma maneira mais solta, sabe?

Então, respondendo a sua pergunta, eu usava dessa maneira e usava sempre. Quando eu comecei a usar redes sociais para isso, eu usei mais o Facebook e o Instagram. E ao longo do tempo eu fui deixando o Facebook de lado. Era basicamente o Instagram para fazer esse tipo de divulgação.

Frederico: Entendi. Agora, desculpa, acho que atropelei. Não perguntei o mais básico primeiro, né? Como eram as suas atividades antes da pandemia, como músico, em bandas ou... Você falou que dá aulas, né?

Fernando: Exatamente. Antes da pandemia, o meu trabalho, a minha receita, ela vinha mais da performance do que do trabalho de aula, de professor. Então, atuando em vários projetos diferentes, com diferentes bandas, diferentes tipos de música. Assim, só para exemplificar, tocando em casamento, tocando música de carnaval, to-

cando música instrumental, tocando Jazz, música instrumental brasileira. Enfim, vários projetos... Fazendo gravações também. E aí, as aulas vinham como um complemento dessa renda, sabe? Um trabalho complementar. Mas antes da pandemia, era bem voltado para a performance. E aí, obviamente, quando começou [a pandemia], fechou tudo! Foi o contrário, né? Eu tive que inverter essa lógica aí.

Frederico: E aí você achou, quer dizer, aí teve uma mudança radical obviamente, das suas práticas. Cresceu esse lado das aulas... E como é... Você teve uma estratégia específica para conseguir que esse outro lado fosse ganhando corpo? Você teve uma estratégia, ou você foi meio que no sensorial? Assim, intuitivamente. Como é que funcionou? Como é que foi essa passagem, vamos dizer assim.

Fernando: Vamos dizer assim, acho que ela foi bem traumática na verdade. Porque rolou um desespero de repente. Eu, boa parte da minha renda ficou comprometida e eu precisava urgentemente me adaptar para conseguir continuar trabalhando minimamente, né?

E no meu caso, como eu sou baterista, isso foi uma questão que pegou muito. Porque a maioria dos meus alunos, na época, antes da pandemia, e até agora... Eu acho que a maioria... Não, eu tenho certeza que a maioria é iniciante. Então a maioria não tem estrutura para tocar em casa direito. E usava muito aqui o estúdio pra poder praticar no instrumento, aprender na bateria mesmo.

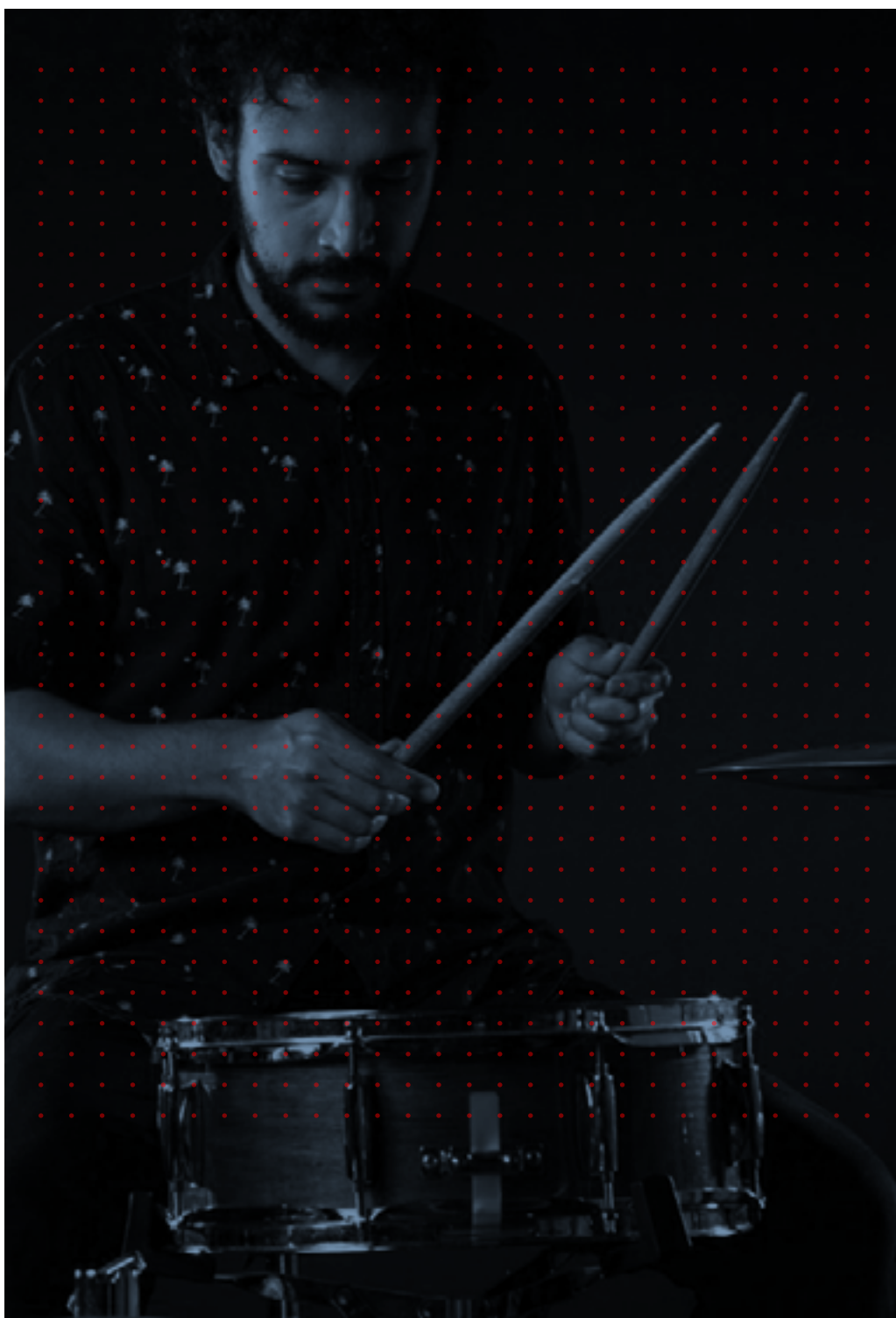
Então o grande desafio foi nesse momento pensar assim: "Ah não, Beleza. Agora eu vou trabalhar online. Mas deixa eu pensar aqui nos meus alunos." A maioria deles não tinha bateria em casa. Não tinha como praticar em casa e fazer aula. Então já foi um desafio eu propor soluções para os alunos continuarem praticando, continuarem a praticar e se manterem motivados a fazer aula. Porque a gente usa por exemplo isso aqui ó [Fernando mostra o praticável], que é um praticável: uma borrachinha para poder estudar a técnica de baqueta e praticar alguma coisa de coordenação motora e tal. Mas nem se compara com a experiência de fazer uma aula no instrumento e com alguém do seu lado, te orientando e tocando mesmo e tal. Aí teve esse desafio.

Para além dele, teve a questão técnica para mim aqui, porque eu não tava estruturado para fazer isso. Eu não tinha microfone. Eu não tinha placa de áudio. Eu não tinha um computador potente o suficiente para me dar uma qualidade legal de aula assim de vídeo, sabe? Então eu fiquei um bom tempo... Como foi uma coisa abrupta, né? Eu fiquei um bom tempo como uma estrutura bem precária, do meu laptop sem um microfone específico, sem placa de áudio. Então, a minha qualidade de áudio era péssima. E eu ficava até com vergonha. Tipo: como é que eu vou continuar dando aula nessas condições, né?

Então, eu tive que fazer um investimento, num momento delicado, para eu conseguir me estruturar para conseguir oferecer uma aula legal. Porque já era difícil para a maioria, que não tinha bateria em

casa. Se for uma aula ainda difícil, com a conexão caindo, a imagem pixelada, áudio estourando, ia ser horrível, né? Então eu tive que fazer esse investimento de comprar uns microfones e, eventualmente, trocar, eu consegui trocar o computador, tipo assim, no segundo semestre do ano passado. Foi aí que eu consegui ter uma estrutura bem legal para dar aula. Mas o primeiro semestre foi bem capenga, tentando pesquisar alguma coisa, pesquisar as plataformas também para conseguir chegar num setup legal para dar aula, sabe? É isso.

Frederico: Acho que é isso é difícil, né? O primeiro Impacto. E também esse limite que a própria tecnologia impõe, nos modos de funcionamento dela. Você tem que ter uma série de estruturas para po-



der fazer aquilo funcionar. Mas aí, só uma pergunta também mais de curiosidade. Você, a partir de ter os equipamentos, essa utilização foi simples para você manusear isso? Ter uma luz, ter um mínimo de estrutura também... Tem esse detalhe, porque vira uma estrutura visual, né? Assim, você sai da coisa que é do som e começa a ter essa coisa que é multi.

Fernando: Na realidade, eu acho que não foi... Eu lembro de ser um desafio assim, sabe? Não foi fácil. Eu conversei com muita gente, muitos colegas que estavam também nessa busca e pessoas que eu já sabia que trabalhavam dessa maneira há mais tempo e tal... E aí, eu fui trocando ideia com essas pessoas para pedir dicas mesmo, de como... Se vale a pena comprar uma câmera mais legal ou se usava webcam do próprio computador, e se vale a pena, mexer com alguma coisa de iluminação da estrutura que eu tenho aqui.

Eu tenho uma janela. Tô aqui no estúdio, e aqui atrás da tela tem uma janela que entra muita luz durante o dia. E depois, à noite, fica bem escuro mesmo. E aí eu só tenho essa luz. Mas eu já testei as aulas à noite e funciona, por causa da câmera. Porque eu também achei interessante comprar uma câmera, até para não só para dar as aulas, mas para fazer vídeos aqui. E usar, continuar usando as redes com qualidade e gravar vídeos mais legais. Então, não foi uma coisa trivial não. Eu pesquisei bastante e troquei muita ideia especialmente com colegas que já trabalhavam online, e trabalhando, dando aula e tal.

Frederico: Isso é legal, porque é uma coisa de uma outra rede que não é dessa rede virtual, mas essa rede humana mesmo.

Fernando: Exatamente. Nossa, isso foi essencial! Na verdade, é através também da rede social. Às vezes você vê ali uma pessoa que tá mais ativamente divulgando as aulas. Você já sabe que ela tem um know-how da vivência, da experiência de trabalhar online há mais tempo. E você tem a possibilidade de acessá-la pela rede social, né? Então isso acabou ajudando também. As redes sociais [usadas] para chegar na coisa humana ali, falar com a pessoa de fato e tal. Então foi importante.

Frederico: Muito bom! Isso também é complementar, essa ideia de ter uma rede aí que... A gente precisa dessas redes também. Sem elas a gente tá na água. Tipo uma troca. De qualquer jeito... Legal você falar desse lado aí... Ah, mas você falou uma coisa que me chamou a atenção aqui também. Ele falou assim... Vídeos, né? Então você também produz vídeos que ficam como vídeo aulas ou é vídeo de outra coisa?

Fernando: Vídeos de outra coisa, na verdade. Na realidade, eu acho que a condição da pandemia me obrigou, entre belas aspas, a buscar um pouco mais de conhecimento da coisa do vídeo, sabe?

Porque de repente rolou muito aquela... Durante um período grande assim da pandemia, do ano passado. Rolou muito a coisa das colaborações, de fazer vídeos. Cada músico, dentro da sua própria casa fazia uma gravação, depois alguém juntava e tal.

E aí eu me vi nesse lugar. Alguém me chamou, eu lembro de um parceiro meu que toca comigo há muito tempo falou: “Ah, vamos vamos gravar um groove qualquer? Eu tô aprendendo aqui a mexer...” No caso, ele tava aprendendo a mexer com edição e tal. Falei: “Ah, vamos, vambora!” Aí na hora de gravar é que eu vi! Eu falei: “Nó! Como é que eu vou gravar isso? Eu tô com um celular aqui, o computador precário, enfim, o que eu faço?” E aí, por causa desse processo todo de ter essas atividades de gravar de casa e tal, eu falei: “Ah, acho que é um momento de eu aprender minimamente a editar um vídeo legal.” Já cheguei a gravar uns vídeos aqui com mais de uma câmera. Acho que foram duas câmeras: uma câmera frontal e uma lateral.

Eu acho que foi muito uma condição mesmo imposta pela situação, sabe? Pela circunstância da pandemia mesmo. Eu via “pô”, sei lá, os músicos que eu acompanho nas redes sociais e os colegas também fazendo mais vídeo e falei: “Ah, eu acho que esse é o momento de eu aprender a fazer um... Ter um conhecimento básico de edição [de vídeo], de como gravar legal.

Frederico: Legal. É aquele negócio também, tem umas “empurradas” que a situação às vezes exige e tal. Mas ela também... Aí eu não sei, fico pensando numa pergunta que vai pro outro lado, olhando pro futuro... Você conseguiu se estruturar, então você tá num momento super nas aulas, né? Eu sei que agora estão começando a voltar coisas presenciais. Então, você deve estar articulando coisas que vão nesse lugar também, imagino. Mas aí, pensando nesses últimos, assim, mais de um ano já, né? Mais de um ano. Você estava direto nas aulas, então? Foi realmente aquilo que você... Foi o centro mesmo? Virou o centro?

Fernando: Foi. Sei lá, acho que uns 90% desse tempo todo foi praticamente dando aula. Me lembro que no momento mais ou menos essa época do ano passado 2020, em novembro, teve uma pequena abertura e eu voltei a tocar minimamente, em lugares extremamente controlados e tal. E aí fechou rapidão, né? Acho que foi um mês que eu toquei, sei lá, consegui tocar quase todo final de semana de novembro. Aí, quando virou o mês, eu já parei. Já não tive mais nada, a não ser uma ou outra coisa de empresa, que eram lives, né? Não era exatamente tocar para o público, eram coisas gravadas.

E aí ficou esse tempo todo fechado e também trabalhando com lives dos projetos que eu faço parte. E agora, esse último mês, esse último mesmo, talvez final de setembro e novembro todo, de agora até o final do ano, eu tenho trabalhos de performance, de tocar. Praticamente toda semana eu tenho alguma coisa. Não sei até

quando vai ser também, né? Então não tá nada garantido de que vai se firmar e tal.

Frederico: Infelizmente. Estamos tendo algumas pequenas brechinhas... Você falou também da questão das lives com os projetos que você já executava. Isso [ininteligível] ou foi um momento específico? Quando teve essa abertura, vocês começaram a fazer um pouco de lives? Ou vocês já vinham tentando organizar isso também, nesses projetos em que você já trabalhava como músico mesmo?

Fernando: Na verdade, eu tô tentando lembrar aqui, qual foi a primeira, sabe? Qual foi a primeira live que a gente fez... Eu fiz bastante foram acho que foram quatro ou cinco lives com a banda da Juventude Bronzeada, que é um bloco de carnaval aqui de BH de que eu faço parte, e essas lives, elas foram absolutamente “faça-você-mesmo”, sabe? A gente é que foi procurando recursos... Esse parceiro que eu falei, que me ajudou muito com a coisa do vídeo e tal, é o Rodrigo, o Rodrigo Boi, baixista. E aí, ele foi pesquisando também as plataformas, como que era viável fazer uma live com um som de qualidade, com uma imagem de qualidade, com a Juventude. Foi assim, totalmente “Vambora, vamos arrumar um espaço e vamos fazer para tentar gerar alguma renda pra gente!” e tal.

Isso deve ter sido a primeira se eu não me engano. Talvez tenha sido em abril ou maio do ano passado. Tanto que aí, depois, a gente fez uma [live] temática de festa junina, sabe? Foi a segunda, foi a temática de festa junina. Acredito que foi, talvez um mês antes em maio, assim, que a gente fez a primeira. Então não foi não foi exatamente no momento em que as coisas abriram né? Foi ainda quando o bicho estava pegando muito, mas a gente tava precisando desenrolar alguma maneira de estar presente online.

E aí, tiveram outras lives. Teve live de festa de empresas, que aí foi com estrutura mais legal, com uma equipe trabalhando e tal. E isso também foi em outro momento, foi mais no final do ano passado, quando as coisas estavam um pouco mais flexibilizadas. É isso.

Frederico: Então não foi uma coisa super de continuidade também não? Foi esporádica...

Fernando: É, foi esporádico.

Frederico: Mas é interessante, pois eu não falei, mas esse projeto de pesquisa se chama “**PARA ALÉM DAS LIVES:** música e tecnologia pós-pandemia”. Eu tô querendo alhar pra frente, né? As lives, elas funcionaram até certo ponto. Pra gente muito grande, funcionaram muito bem. Mas para quem não era, virou um troço meio que... Para alguns deu certo, para outros nem tanto. [O título] foi uma espécie de brincadeira, mas é sério também.

Fernando: Foi super desafiador para a gente. A gente é que foi nessa de “vamos fazer nós mesmos”. E aí, é muito... é uma coisa bem dispendiosa, né? A gente precisa de uma galera trabalhando junto, a gente precisa de estrutura, de equipamento, precisa de um lugar legal, precisa de várias coisas. Então, é bem diferente quando você tem [algo como] “uma empresa vai fazer uma live de final de ano”. Aí, você chega lá e tem uma equipe de vídeo, tem uma equipe de som, tem um lugar controlado. A gente não. A maioria das lives que a gente fez foi em local aberto, sabe? Tipo na casa do guitarrista que tinha um quintal. A gente foi lá e fez. Então se, sei lá, se no dia chovesse, a gente tava lascado! (risos) Então foi bem desafiador.

Frederico: É isso, é uma busca de solução também, né? Você tenta achar soluções. Mas, bom, aí deixa eu só me lembrar de alguma coisa que eu possa ter deixado passar... É interessante também pegar esses diversos lados. Quer dizer, só uma pergunta: você toca então vários projetos, inclusive esse grupo que é de... Eu quase entrei no Juventude Bronzeada, na bateria, numa época em que estava aberta! (risos)

Fernando: Ôpa! A próxima vez que abrir aí...

Frederico: Vou me candidatar de novo! Eu acho muito legal [o bloco Juventude Bronzeada], só para falar que é muito legal mesmo! Mas é isso. É tudo muito difícil, né? Há uma dificuldade disso também, dessas frentes [de atuação] se resolverem. Como você falou, você foi procurar amigos para te darem dicas de soluções possíveis para você poder organizar a sua prática, nessa situação pandêmica e tal. A coisa das aulas etc. Também as lives em um momento, né? Vocês tiveram isso também. Você falou isso, chegaram a conversar com pessoas para saber como poderiam fazer e tal. Mas gera uma demanda, né? Que é até diferente do músico que é só o cara com um violão. O cara, com um violão, na casa dele, a estrutura é bem mais simples...

Mas, e assim, não sei se você soube de alguém que tava... Porque eu vi um projeto... Só por curiosidade também, porque é legal saber isso. Um projeto de DJs: já tinha um certo grupo de DJs, que meio que tinham alguma conexão, mas era um troço meio de fundo. Chegou a pandemia, e isso virou um traço de frente, com um ajudando o outro. A partir dessa rede, o grupo virou um grupo de Instagram. E aí, um cara ajudava na live do outro: o cara controlava, sei lá, o OBS, aquele troço... Esses sistemas aí. Enquanto o outro cara tava fazendo vários sets, e aí o outro cara controlava onde que tava a câmera, né? Você sabe de alguma coisa desse tipo, de músicos que foram criando, tentando criar redes para, por trás dessa estrutura tecnológica, para tentar fazer com que as coisas funcionassem? Ou não, você não teve contato com nada disso. Foi nessa coisa de “no peito e na raça” mesmo... as amizades, e tamos aí...

Fernando: Fred, eu acho que eu não tive nenhum conhecimento sobre esse tipo de rede não, de associação, dos músicos tentarem se ajudar nessas frentes diferentes. Eu não soube muito sobre isso não. O Rodrigo, o Boi, que é o baixista, meu parceiro, e que a gente toca junto há muito tempo, ele se dedicou bastante nessa coisa de aprender a fazer os vídeos, editar e viabilizar as lives. E ele foi convidado por outras pessoas para ajudar também nesse quesito, sabe? Então não sei se... eu acho que não se encaixaria nisso que você falou, de ter uma rede se ajudando, mas, por causa da expertise que ele foi desenvolvendo, as pessoas lembraram: “Ah! Tem o Boi, que toca baixo, e também tá aprendendo vídeo. Vamos chamar ele aqui para dar uma força” e tal. É mais nesse sentido. De ter essa rede [mas estruturada de apoio] eu realmente não tô lembrando de saber não.

Frederico: Foi mais curiosidade. Como eu vi essa história e achei curiosa, fiquei curioso se havia mais alguém né? Porque às vezes faz até falta isso. Falta essa coisa de criar umas redes maiores pra mútuo auxílio, né? Pensando que é legal assim, em grupo às vezes é mais fácil você conseguir pressionar ou funcionar... Mas é uma possibilidade também.

E aí, não vou ficar alongando demais sobre essa questão e tomando seu tempo! Deixa eu ver se tem mais alguma questão... Quer dizer, você me fala do principal empecilho, né? Tem vários empecilhos, naquilo que a gente conversou: empecilhos financeiros, tecnológicos mesmo. O “saber fazer”, o know how mesmo, de uso, você teve que dar uma corrida atrás disso, né? Migrar da sua função, que era especificamente da música, e ter que dar conta de outras questões que ultrapassavam... Travamos de novo aqui... Voltou! Você acha que foi um entrave? Você consegue lembrar de outros entraves que você encontrou além desses que você acha que, tipo, “se isso funcionasse melhor, seria muito mais simples!” Claro, pode ser questão financeira, inclusive. O acesso a financiamento, o acesso a apoio, acesso a alguma coisa... Tudo que você lembra que foi realmente um impeditivo mesmo para você exercer a sua atividade...

Fernando: Fred, eu acho que a coisa financeira foi um baque. Porque, como eu te falei, antes era o contrário, né? A minha renda, tudo... Tudo não, quase tudo que eu tinha de renda antes da pandemia, tava vinculado à performance. Então, de repente eu tive que fazer um investimento, tive de comprar esses equipamentos. E aí eu levei esse susto. Eu falei: “Nossa, será que eu vou conseguir fazer isso?” Mas, por ter uma grana guardada e tudo o mais, eu consegui fazer esses investimentos de comprar equipamento e tudo.

Mas eu acho que um dos entraves, que eu acho que é legal comentar, foi a coisa do baque emocional, psicológico. De falar: “Putz velho, agora eu vou ter que ser esse cara do vídeo, de ficar colocando minha cara aqui toda hora nas redes”. Ter um perfil até um pouco mais empreendedor forçadamente. O que eu acho que, no

meu caso, eu não me identifico muito com esse perfil, sabe? De ser um empreendedor, de tentar fazer uma coisa de aulas e um um curso, enfim.

Eu acho que isso foi um grande desafio. O desafio de me achar dentro desse lugar de estar mais presente virtualmente, mas não de uma maneira que fosse forçada, sabe? Que fosse contra o meu jeito de ser mesmo. Então, acho que isso foi uma batalha que eu travei e ainda travo até hoje. Essa coisa de estar mais na presença online, né? Que hoje em dia você conversa com músicos que já estão trabalhando há muito tempo e eles dizem: “Nossa, hoje em dia tá tudo na internet, né? Muito importante ter seu Instagram, você ter seu ‘não sei o quê’, postar vídeo toda semana, porque quem não é visto” - já ouvi essa essa frase várias vezes - “quem não é visto, não é lembrado”. Então você tem que fazer isso. Tem que estar sempre postando vídeo e tudo mais. E aí, em vários momentos, eu me vi no lugar de “nó, não quero saber de gravar vídeo, eu não quero ter que produzir conteúdo para postar toda semana e algoritmo ajudar” e não sei o que...

Eu acho que esse foi um entrave bem grande para mim. E até hoje eu tô buscando caminhos para lidar com ele de uma maneira mais serena, vamos dizer assim. E, tipo assim, eu usar as redes e não as redes me usarem, sabe? De eu ter um controle sobre isso. Então acho que isso foi uma questão para mim. Essa foi uma questão.

Frederico: Ótimo você falar, porque isso é complexo... São duas coisas juntas aí, né? Esse Impacto de você ter que fazer esse monte de coisa, você aparecer de uma outra maneira e ainda o controle tecnológico... Que é assim, eu não sou... Embora esteja fazendo esta pesquisa sobre esse lugar, eu não sou nenhum apaixonado pelas tecnologias de comunicação. Eu tenho muitas críticas. E uma delas é essa. Já conversei com muitas pessoas sobre isso, de você ficar meio refém do troço, né? Do funcionamento do sistema e não do seu sistema. Então, muito bom saber, acho legal falar desse impacto.

Fernando: E eu lembro que foi um negócio de eu... Porque, igual eu comentei, o Instagram é a plataforma que eu uso mais. Mas no ano passado, eu não sei exatamente de quanto tempo para cá, eu acho que o Tik-Tok foi uma plataforma que... Ainda é, que ainda tá crescendo muito, e ficando cada vez mais popular e tal. E aí, depois de muito resistir, eu fiz um Tik-Tok e comecei a postar os conteúdos que eu fazia pro Instagram, comecei a postar no Tik-Tok também. Só que eu acho que são coisas diferentes, né? São plataformas que têm um perfil diferente e tal. Mas eu fiquei até surpreso, porque eu ouvia falar do Tik-Tok de uma maneira muito pejorativa assim, né? De ser: “Ah não! Você vai lá e só tem dancinha, só tem ‘não sei o quê’ adolescente dançando”. E aí eu comecei a ver coisas interessantes no Tik-Tok também. Só que depois de criar um perfil, baixar e tal, eu falei: “não bicho! Mais uma coisa para eu ter que ficar pensando e

lidando com isso”. Acho que eu não quero não. Aí tá lá, paradinho, esquecido. Tem muito tempo que eu não acesso para postar coisas e tal. Mas, eu falei isso mais para ilustrar essa coisa de que, de repente, você tem que ter um Instagram, você tem que ter um Tik-Tok, você tem que fazer um Twitter, sei lá o quê, canal do YouTube... É muita doideira! (risos)

Frederico: Muita sujeição! (risos). É complicado mesmo! E só uma coisa... A última assim, para... Uma questão aqui que eu fiquei, e que acho que é legal... Você conseguiu migrar para fazer as aulas [online]. Quer dizer, teve esse trânsito mesmo, as aulas viraram seu centro e tal... E aí, uma pergunta: durante esse período todo, você conseguiu ter mais alunos do que você tinha, você foi angariando mais alunos e tal... E se foi, como que foi isso? Foi uma coisa do boca a boca? Você acha que foi o fenômeno do uso [das redes]? Como é que você acha que você chegou nessas pessoas?

Fernando: Então, ficou bem parecido, sabe? Em termos de quantidade. A maioria dos alunos, pelo fato de eu estar envolvido com a coisa do carnaval também, muitos dos alunos vêm desse lugar, sabe? E aí, eu acho que rola uma coisa do boca boca bem potente no carnaval de rua de Belo Horizonte. Quando alguém começa a fazer aula, indica para não sei quem, que vai indicando, indicando, indicando. Então, a maioria dos meus alunos têm esse perfil de vir do carnaval.

Mas eu tô tentando lembrar aqui do ano passado, dos alunos. Porque teve isso também de que eu tive que lidar com esse fenômeno de, de repente, as pessoas que estavam fazendo aula comigo presenciais, elas terem que ficar no online e acharem que ia ser uma coisa transitória. “Ah, não! Isso aqui vai ser 15 dias, né? Um mês”. Aquele trem. De repente viram que ia ser durante mais tempo ou “desencanaram”, de falar: “Não, não quero, não consigo, não dá para mim”. Ou foi o contrário, de falar: “Ah, vai ter que ser assim, né? Então vou tentar”. E insistiram em ficar mais tempo fazendo aulas online.

Mas foram poucos. Pouca procura de fora do boca a boca. Eu acho que a maioria que - eu tô lembrando dos alunos todos aqui - a maioria foi indicação de alguém que veio do carnaval. Ou algum conhecido, que é baterista também e não conseguia dar aula no momento, me indicou. Foi bem uma coisa do boca a boca mesmo. Apesar de ter rolado... Eu divulguei, mas eu não cheguei a divulgar a ponto de pagar um anúncio, fazer um anúncio pago desse tipo de tecnologia, de Facebook Ads, no Instagram e tudo o mais. Eu não cheguei a fazer isso não.

Depois de trocar algumas ideias com pessoas que entendem um pouco de marketing também, e ver alguns vídeos, procurar saber, estudar um pouco mais, fiz postagens de maneira um pouco mais frequentes para divulgar a aula e para ver se expandia mais a coisa.

E acabou dando um resultado, mas tudo dentro dessa bolha. Gente que já me conhecia mais ou menos, sabe? Então, eu acho que foi bem no boca a boca mesmo.

Frederico: Legal! Era só para saber mesmo, como é que teria sido o impacto disso. E tem também a escolha, né? Tem um modo de funcionar. Tem gente que é muito estruturada. Já conversei com uma pessoa que fez planejamento de mídia basicamente, sabe? De ficar ali [postando, planejando estrategicamente]. É um jeito de funcionar. Não necessariamente é o melhor.

Fernando: Sim, total. Eu cheguei até a comprar um curso online sobre como vender suas aulas. Como fazer. Aprendi um pouco de marketing digital mesmo. E aí tem muito esse lance de planejar ali as ações de postagens diárias e tudo o mais. Eu vi que esse lugar, realmente, para mim, é muito difícil. É muito difícil me engajar em fazer isso, sabe? Eu não tenho muito esse perfil de ir para esse lugar. Admiro demais quem conseguiu, ainda mais na pandemia, “desembolar” isso. Nossa, porque é um trampo! Uma coisa super dispendiosa. Tem essa coisa de ter várias mídias, de canal do YouTube, Tik-Tok, Instagram. Você pensar em cada coisa ali e ter uma agenda de produção de conteúdo e não sei o que mais. É super trabalhoso mesmo.

Frederico: Mas acho que é ótimo. Acho que é isso. Foi bom porque você falou também mais uma coisinha que você acrescentou. Você chegou a buscar mesmo essa informação, né?

Fernando: Cheguei.

Frederico: Como é que funciona. E isso é legal também de saber. E aí, queria te perguntar. Eu sei que a gente tá num momento muito de limites. Vamos dizer assim, daquilo que é possível também. Então, daquilo que a gente consegue realizar. Ainda estamos nisso. Estamos saindo, mas acho que ainda tá meio estranho e tal. E aí eu queria só te fazer uma última pergunta mesmo. Como é que tá para você isso? Quer dizer, você conseguiu migrar; você conseguiu conduzir sua vida dando suas aulas e tal. E eu queria saber seu grau de satisfação, o grau de satisfação que você teve com isso, com essa essa migração forçada, vamos dizer.

Fernando: Então, essa é uma pergunta interessante, porque eu já me vi em vários momentos. Acho que inicialmente, rolou na verdade uma frustração muito grande, sabe? Porque eu dou aula, eu trabalho com aula particular, trabalho como professor, acho que desde 2010 mais ou menos, que foi quando eu comecei a me dedicar 100% à música. 2009, 2010, por aí, e ao longo desse tempo todo, só presencial, né? Eu nunca tinha trabalhado a distância. Eu nunca... Acho que teve uma vez ou outra que aconteceu de um alu-

no ou uma aluna não conseguir vir e a gente: “ou, vão tentar fazer aqui?” [online]. Mas foi aquela aula meio mambembe, assim, meio capenga. “Ah, vamos!”, sem pensar em nada. Foi um negócio meio improvisado.

Então, inicialmente rolou uma frustração muito grande. Falar: “Putá merda. Como é que eu vou fazer isso acontecer?” E aí, ao longo do tempo... Agora, antes do nosso papo aqui, eu tava dando aula. Eu tava dando aula online. Ao longo do tempo, eu fui entendendo as maneiras de se dar uma aula online. De como tem uns cacoetezinhos, umas manhas, que eu acho que eu fui pegando ao longo do tempo, sabe? Então, eu acho que eu fiquei satisfeito com o onde eu consegui chegar.

Mas, há duas semanas eu voltei a trabalhar com as aulas de maneira presencial. E aí, a primeira aula que eu dei eu falei: “Nú! Que diferença! Como eu gosto de dar uma aula presencial!”, sabe? Como é muito melhor dar uma aula presencial. Então, eu fiquei satisfeito, dadas as circunstâncias. “Pô, que bom que eu consegui chegar nesse lugar e continuar trabalhando minimamente.” Mas aí, quando eu experimentei a aula presencial de novo, eu não troco de maneira alguma. Sempre que eu puder dar uma aula presencial, eu vou preferir dar aula presencial, sabe? Eu acho que também tem muito a ver com uma coisa do instrumento, né? Da bateria ser uma coisa mais física ali. Você tem a coisa do gesto. É legal ter alguém ali, te orientando, sabe? Ajudando, olhando você tocar ao vivo mesmo.

Então, eu senti muita diferença, mas fiquei feliz porque eu consegui chegar também nessa estrutura e aprender a, minimamente, entender a coisa da tecnologia, a estrutura que eu preciso, o equipamento, o programa de áudio, a placa de áudio. Então, fiquei satisfeito com isso também.

Frederico: Legal. É isso, né? Pra gente ver o grau que isso funciona, efetivamente, né? Ou se é um paliativo mesmo. Eu falei isso porque tem essa coisa do “**PARA ALÉM DAS LIVES**”, e para além, para onde a gente vai com isso, né? Pelo que entendi do que você respondeu, você não acha que isso vai muito para algum lugar, né? Assim, na verdade, você tá esperando o retorno, se possível. Talvez seja uma carta na manga, vamos dizer. Não sei... Essa coisa dos vídeos, coisas assim, você acha que se mantém online?

Fernando: Eu acho que, na realidade, depois desse tempo todo, na verdade, a gente ainda tá no contexto de pandemia. Então é uma realidade. Eu ainda... Como eu te falei, eu tava dando aula online aqui, agora. Eu acho que vai ser mais uma frente de trabalho minha. Eu não vou deixar de dar aula online, sabe? Eu acho que eu vou continuar oferecendo o serviço. Tipo assim: “Ah, você quer fazer aula comigo? Sei lá de onde? Bora! Eu consigo te oferecer uma aula”. Mas a opção, a prioridade pessoal, seria a aula presencial, que eu eu gosto mais. Mas, depois de aprender, de investir um pouco para

oferecer o serviço, eu quero continuar oferecendo como mais uma opção, sabe? Acho que não vai ser... Quando a gente voltar, [quando] a gente estiver todo mundo vacinado, o vírus estiver controlado mesmo, eu acho que não vai ser um carro chefe, vamos dizer assim. Eu não vou chegar oferecendo as aulas online, mas vai ser uma opção que eu vou oferecer também.

Frederico: Maravilha. Agora não sei se chamo você de Fernando ou Feijão mesmo!

Fernando: Fica à vontade! Fica à vontade!

Frederico: Antes de mais nada, obrigado pela disponibilidade, pelo papo. Foi ótimo. Você trouxe muitas coisas super importantes para ouvir, né? Relevantes. Obrigado demais, tá? Foi um prazer conversar com você. Quando a Juventude Bronzeada voltar, quem sabe eu apareço lá? (risos)

Fernando: Pois é, eu acho que talvez fique para 2023, né? Mas vamos nessa!

Frederico: Valeu. Obrigado demais, viu? Um abraço.

Fernando: Espero ter contribuído de alguma forma.

Frederico: Não, maravilha! Contribuiu muito! Obrigado mesmo!

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net. Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA